

APRESENTAÇÃO DA REVISTA, FESTIVAL DA TERRA: UM FESTEJO DE FORMIGAS

O Núcleo de Estudos de Agroecologia Inconfidentes, disponibiliza a cópia digital da revista “Festival da Terra: Um Festejo de Formigas”, organizada pelo professor Maurício Leonard (UFOP) e a bióloga Luana Freitas.

A publicação compila as 4 Edições do Festival da Terra, realizado nas áreas rurais dos municípios de Ouro Preto e Mariana/Minas Gerais, e celebra a cultura do campo e a agroecologia. Posiciona também o Festejo como um importante movimento que contribui para a organização social dos agricultores familiares e dispersão dos conhecimentos agroecológicos na região. A publicação foi organizada poeticamente como um formigueiro, incluindo causos e ilustrações que aludem a cooperação e a força dos pequenos, comprometida com a expressão popular e artística campesina.

O Festival da Terra, está enraizado nas Ações Extensionistas do Programa Agricultura Familiar na UFOP e tem como motivador as compras de alimentos agroecológicos na instituição. Em 2016, numa colaboração entre pró reitorias, setores administrativos e jurídicos da Universidade Federal de Ouro Preto, efetivou-se a compra institucional de alimentos da agricultura familiar para o restaurante universitário. Essa conquista sonhada pela comunidade universitária, agricultores familiares e EMATER/Ouro Preto, foi celebrada por muitos e muitas ao ver o bandeirão da universidade colorido com alimentos seguros e saudáveis, trazendo diariamente para cerca 3000 alunos, “comida de verdade” produzida de forma agroecológica “do campo para a cidade”.

Nesse momento a UFOP alinhou-se com um importante compromisso social, ambiental e econômico, uma vez que o recurso passou a ser investido no município, gerando trabalho e renda para comunidades camponesas, criando oportunidades para a juventude rural permanecer no campo e incentivando os agricultores familiares a adotarem o manejo agroecológico. Estávamos há menos de 1 ano do rompimento da barragem de Fundão que devastou comunidades inteiras, florestas, rios e histórias de vida, envoltos por uma grande tristeza que trouxe desesperança e desalento para nossa região.

Sensibilizados pelas causas que se anunciaram no território, alguns docentes e funcionários da UFOP propuseram projetos de extensão e pesquisa em apoio a Agricultura Familiar, estreitando laços com as comunidades rurais, que poucas vezes tiveram oportunidades de encontros com a instituição. Algumas visitas foram realizadas, principalmente no subdistrito de Piedade, pertencente ao distrito de Santa Rita de Ouro Preto, onde foi criada uma horta de 6 hectares para fornecer alimentos para o restaurante universitário. Essa horta, manejada dia a dia pelas mãos de 27 agricultores, enchiam os corações de esperanças, pois eram em sua maioria bem jovens.

Em uma dessas visitas, sentados para uma prosa ao pé da escadaria da Capela de Piedade, fizemos uma pergunta:

- ... e o quê mais, vocês sonham aqui pra roça?
- “Uai, a gente sente falta de uma festa sabe? Um dia para ver e fazer coisa diferente, cantar, dançar, essas coisas de arte...”
- Mas que tipo de festa?
- “Num sei, uma festa diferente, meio caipira mas diferente de caipira”

Foi naquele momento que o “Festival da Terra” brotou, ampliando a voz da juventude rural de Piedade de Santa Rita que reivindicava o acesso à cultura, diversão e arte, direitos tão fundamentais quanto o trabalho, cuja busca se iniciou um pouco antes, graças à formação “JOVEM SABER”, conduzida pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Minas Gerais (FETAEMG). Os próximos

meses foram de intensa mobilização, formação de equipes de trabalho e sonhos. A partir de muitos esforços, a festa “caipira diferente” foi sendo costurada como uma colcha por muitas mãos, tecendo um terreiro festivo em meio daquelas tantas serras, águas, bichos, plantas e gente. Em dezembro daquele mesmo ano, o festival floriu em festa boa, dançamos, comemos e cantamos para louvar aquele momento inicial.

Nos próximos anos, o “Festival da Terra” foi virando outras coisas, virou cantigas, virou biscoito de polvilho, virou fogueira, virou movimento feminista das mulheres do campo, virou banquete na praça, virou bandeira de congado, virou defesa pela educação do campo, virou canga de tropeiro, virou um grito de agroecologia frente ao extermínio da mineração, virou bença nos gestos de cura da Dona Chiquita, virou mistura de povo, de costumes, virou encantamento!

Em 2020, quando o mundo virou de cabeça pra baixo pela PANDEMIA do COVID 19, o festival quis virar escrita, sim ele quis virar, por sua própria força de transformação. Ouvimos uma voz que cochichou baixinho que nesse tempo de silêncio e isolamento, era necessário escrever e refletir sobre o que fizemos e aprendemos, pois o que viria pela frente era incerto, mas haviam muitas lições naquele vira-virou do festival.

Na escuta dessa voz, chamamos outras vozes para nos ajudar a fazer o festival virar letra, desenho, fotografia, virar caso, receita de quitanda e outras formas da literatura..., ah e também chamamos as formigas, para nos conduzir através dos “saberes do chão” aos primórdios do planeta, em busca das primeiras lições sobre agricultura e coletividade. Na verdade essa revista é um formigueiro e para entrar nele tem que estar em “estado de formiga”.

Abaixo segue o link para o download

<https://sites.ufop.br/nupedes/produ%C3%A7%C3%B5es-culturais>